



FINANÇAS PESSOAIS

Perspectivas 2015

Renda fixa ganha mais destaque nas carteiras

Alta da taxa de juros volta atenção do mercado para títulos públicos e privados

Yolanda Fordelone

Em todo início de ano, corretoras divulgam aos clientes carteiras recomendadas de ações. Dessa vez, porém, há um consenso entre as casas: 2015 será o ano da renda fixa. Para especialistas, há boas oportunidades não só da renda fixa pós-fixada, devido à perspectiva de alta do juro básico da economia (taxa Selic) nos próximos meses, mas também nas aplicações prefixadas e de inflação.

“A renda fixa se torna uma alternativa interessante tanto por questões negativas que andam minando a renda variável como pela questão dos juros”, afirma o analista da corretora Coinvalores, Bruno Piagentini. Dois fatores impactam di-

retamente a decisão de qual título comprar: o tempo que se pretende aplicar e a aversão a risco do investidor. No curto prazo, até seis meses, a Selic deve avançar, o que torna aplicações em papéis pós-fixados mais interessantes. Atualmente, o juro básico está em 11,75% ao ano.

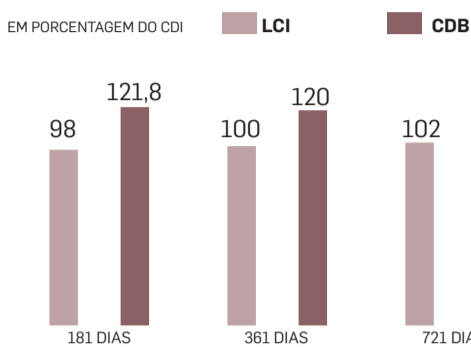
De acordo com o analista da Rico André Moraes, no curto prazo a Letra Financeira do Tesouro (LFT), do Tesouro Direto, e as Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e do Agronegócio (LCA) são opções. Tais títulos acompanham a variação da Selic e, portanto, devem ter a rentabilidade turbinada nos próximos meses.

Os papéis pós-fixados também são indicados aos perfis conservadores. “Mesmo na renda fixa há riscos. Mas nos pós-fixados há menos sustos, pois o

COMPARE AS TAXAS

● Quanto maior o prazo da aplicação, mais alto é o retorno na LCI. Para compensar o pagamento de IR, rentabilidade do CDB deve ser maior do que o da letra

CDB x LCI



COMPARE: se a taxa do CDB for menor do que na simulação, a aplicação na LCI valeria mais a pena

FONTE: EASYNVEST

papel não irá se desvalorizar”, diz o diretor da Easynvest, Amerson Magalhães.

Os Certificados de Depósito Bancário (CDBs) são atrativos caso o investidor consiga uma taxa maior de retorno, já que nele se paga Imposto de Renda no resgate, enquanto nas LCIs e LCAs as pessoas físicas são isentas. Segundo simulação da Easynvest, em uma LCI de 181 dias é possível obter uma rentabilidade de 98% do CDI. Para o CDB valer a pena, o retorno do certificado deveria ser de no mínimo 121,8% do CDI (veja infográfico).

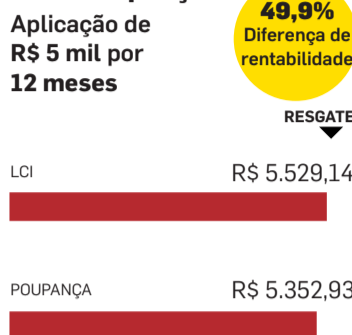
CDBs, LCIs e LCAs são cobertos pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC), até o limite de R\$ 250 mil por CPF, caso o banco não honre o pagamento. Essa informação é relevante, pois a rentabilidade dos produtos é maior nos bancos de médio e pequeno portes. Mas os gestores têm suas dúvidas de até que

ponto vale a pena correr o risco e alertam: mesmo sendo coberto pelo FGC, o dinheiro demora para ser pago. Caso o investidor, mesmo assim, queira aplicar em bancos médios, a sugestão é diversificar as instituições.

Já se a intenção é aplicar por um período maior do que seis meses, títulos prefixados e de inflação começam a ficar mais interessantes, destacam os analistas. “O mercado espera alta da Selic, mas acredito que o juro esteja mais perto do topo do que do fundo”, diz Moraes, da Rico. Comprar prefixados neste momento de juro elevado garantiria um retorno alto para o investidor no longo prazo.

O mesmo ocorre com títulos indexados à inflação negociados no Tesouro Direto, que pagam um juro prefixado (atualmente na faixa de 6% ao ano) mais variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo

LCI x Poupança



49,9% Diferença de rentabilidade

(IPCA), indicador que deve se manter ainda elevado em 2015.

Fundos. A facilidade de se aplicar diretamente em títulos de renda fixa (hoje é possível comprar CDBs, LCIs e LCAs pelos sites das corretoras) e o menor custo da transação fizeram com que os fundos passassem a ser figurantes na carteira de investimentos, dizem especialistas do mercado.

Os fundos são opções para quem não tem a mínima ideia de como funciona a renda fixa, explica Moraes. Atualmente, com tanta informação no mercado e em cursos, rapidamente



NA WEB
Vídeo. Você sabe o que é um fundo imobiliário?

estadao.com.br/e/fundoimobiliario

o investidor já consegue andar com as próprias pernas.

Magalhães comenta que para comprar uma LFT se paga 0,30% de taxas. “Para o fundo valer a pena, então, seria preciso que esse cobrasse 0,30% ao ano de taxa de administração”, compara. Para ele, também há a desvantagem psicológica dos fundos. “Como o dinheiro fica ali no extrato bancário, a tentação de gastar é maior.”

Diversificação. Apesar de os holofotes do mercado estarem voltados aos papéis isentos de IR (LCI e LCA), o investidor não deve se acomodar, aponta o sócio da Empírica Investimentos, Leonardo Calixto. Para ele, o crédito estruturado deve oferecer bons retornos a quem busca rentabilidade um pouco maior.

Esse produto envolve todo o tipo de papel privado, que representa a dívida de uma empresa com o investidor. Companhias não financeiras, como construtoras, podem lançar tais títulos de investimento.

No caso da Empírica, há um fundo voltado à pessoa física, cujo aporte inicial é de R\$ 25 mil. Dentro dele, há desde fundos de recebíveis até Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI). Em 12 meses, até novembro, o retorno foi de 129,6% do CDI.

“A renda fixa deve se destacar não só neste ano, mas em 2016, pelo menos. E diria mais: Os dois anos seguintes têm alguma chance de também serem da renda fixa”, projeta Calixto.

Artigo

Entre secos e molhados

Momento econômico poderá comprometer a saúde das empresas, mas se novo ministro da Fazenda tiver autonomia para ajustes, no fim de 2015 cenário será melhor

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA



Começo de ano aceita tudo, em matéria de prognóstico econômico-social. É a hora de falar sobre o que deve rolar ao longo do ano. Ninguém tem bola de cristal. Então os comentários variam do otimismo extremo ao pessimismo extremo, como tenho ouvido de alguns grandes especialistas, sobre o Brasil em 2015.

Alguns fatos são incontestáveis. Todos concordam que o crescimento será baixo, a inflação não atingirá o centro da meta e o risco de desempre-

go é real. Quais os números reais, é impossível dizer, afinal, se trata de previsão e está longe de ser ciência, o que faz com que deva ser entendida como uma balizadora do cenário e não como sua fotografia real. Essa só se formará ao longo do período, na medida em que as coisas forem acontecendo.

O começo da corrida se dá em cenário menos pessimista do que algumas semanas atrás. A nomeação da nova equipe econômica serviu para injetar algum otimismo e, em economia, sistematicamente, o humor do mercado tem peso maior do que a realidade. E isso pode acontecer. A pergunta que fica é se a equipe que assume se manterá no poder por tempo suficiente para desfazer os equívocos cometidos até aqui. A grande dúvida é se a presidente dará liberdade para seus ministros trabalharem ou se vai se intrometer sem a cerimônia com que o faziam com o Ministro Guido Mantega.

Se a presidente insistir na tese de que entende de economia, a situação pode se agravar rapidamente, jogando o País num abismo profundo, do qual ainda

não dá para ver o fundo. Se ela permitir que a equipe comandada por Joaquim Levy trabalhe com independência, podemos chegar no final do ano com um cenário ainda ruim, mas muito melhor do que poderia ser e com uma luz no fim do túnel, reforçando o otimismo que pode ser a mola da retomada do desenvolvimento.

É um momento delicado. Uma situa-

Nos últimos anos, setor de seguros viveu sólido crescimento e tem demanda para dobrar de tamanho

ção que pode comprometer a vida e a saúde de várias empresas de todos os tamanhos e dos mais variados setores. Por exemplo, as usinas de açúcar e álcool estão pedindo socorro faz tempo, com várias dezenas delas inadimplentes, e os bancos sem saber como sair da enrascada, porque tudo o que não interessa a eles é receber as próprias usinas, fazendas ou equipamentos agrícolas.

O setor de seguros está longe dessa

realidade. Ao longo dos últimos anos, viveu sólido crescimento e, além disso, tem demanda mais do que suficiente para dobrar de tamanho.

Mas isso não vai ocorrer em 2015. O ano será duro e, como as margens já estão baixas, é possível dizer que algumas seguradoras terão dificuldades para fechar o balanço no azul. Mas não será a regra. Entre mortos e feridos, no final do ano a maioria das empresas estará saudável e em condições de continuar atuando, oferecendo produtos mais competitivos, desenhados para melhorar a penetração em todas as camadas sociais.

É verdade que ameaças concretas pesam sobre o setor. Violência, trânsito, crime organizado, manifestações, debilidade política, mau funcionamento da saúde pública, crescimento de doenças sexualmente transmissíveis entre os jovens, corrupção, eventos de origem climática, etc. compõem uma mistura perigosa, que pode custar caro para o País e mais caro ainda para as seguradoras.

Como dizia um político paulista: “cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém”. É hora de cami-

nhar devagar, colocando o pé com todo o cuidado em cima das pedras.

É verdade que crise também significa oportunidade. Mas, neste momento, uma atividade com as características do setor de seguros exige muito cuidado, profissionalismo, estudo e ponderação antes de dar o primeiro passo. Não é hora de arriscar. É hora de jogar no certo.

Da mesma forma que a economia pode caminhar melhor do que se imaginava um mês atrás, também pode acontecer o contrário. Há quem diga que as chances desse cenário são as mais concretas. Por via das dúvidas, manter o curso em velocidade baixa é a melhor maneira de atravessar águas desconhecidas, debaixo de tempestade. Quem navegar assim tem tudo para se dar bem num ano muito difícil.

* PRESIDENTE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, SÓCIO DE PENTEADO MENDONÇA ADVOCACIA E COMENTARISTA DA 'RÁDIO ESTADÃO'

A SEMANA

Segunda-feira, 5
Inflação: IPC-S (dez. e 2014).
Balança Comercial: (dez. e 2014).
China: PMI de Serviços
Alemanha: Inflação ao Consumidor (dezembro).
Terça-feira, 6
Fenabrave: Venda de Veículo

(dez. e 2014).
Zona do Euro: PMI de Serviços (dezembro).
EUA: Índice de Serviços (dez).
Quarta-feira, 7
EUA: Emprego no setor privado (dezembro).
EUA: Balança Comercial (nov).
EUA: Ata do Fed

Zona do Euro: Taxa de Desemprego (novembro).
Quinta-feira, 8
Inflação: IPC-Fipe (dez. e 2014).
Inflação: IGP-DI (dez. e 2014)
IBGE: Produção Industrial (nov).
Anfavea: Produção de Veículo

(dez. e 2014).
Zona do Euro: Vendas no Varejo (Novembro).
Reino Unido: Reunião de Política Monetária.
Sexta-feira, 9
Inflação: IPCA (dez. e 2014).
EUA: Relatório de Emprego (dezembro).

educar pra proteger
CULTURA DO SEGURO
Um programa Sincorsp e Sindsegsp

Suas Contas

Imposto de Renda na fonte

BASE DE CÁLCULO (R\$)	ALÍQUOTA	PARCELA A DEDUZIR
Até 1.787,77	-	Isento
De 1.787,78 até 2.679,29	7,5	134,08
De 2.679,30 até 3.572,43	15	335,03
De 3.572,44 até 4.463,81	22,5	602,96
Acima de 4.463,819	27,5	826,15

Reajuste do aluguel (Janeiro/2015)

Índice	Dezembro	NO ANO	12 MESES
INPC (IBGE)	-	5,57	6,33
IGP-M (FGV)	0,62	3,69	3,69
IGP-DI (FGV)	-	4,10	3,39
IPA-DI (FGV)	-	2,66	1,86
IPC-DI (FGV)	-	6,80	6,07
IPC (FIPE)	-	4,89	5,57
IPCA (IBGE)	-	5,58	6,58
INCC (FGV)	-	6,97	6,86
ICV - Dieese	-	6,18	6,64
FIPEZAP*	-	7,00	8,10

OBS.: FATORES VÁLIDOS PARA CONTRATOS CUJO ÚLTIMO REAJUSTE OCORREU EM UM ANO

Salário mínimo (2015)
R\$ 788,00

INSS

TRABALHADOR ASSALARIADO*	MÊS DE COMPETÊNCIA: Dezembro
Salário de contribuição	Alíquota
Até 1.317,07	8%
De 1.317,08 a 2.195,12	9%
De 2.195,13 a 4.390,24	11%
* Empregador	12%

Vencimento 15/1/2015. O percentual de multa a ser aplicado fica limitado a 20%, mais taxa Setec.

TRABALHADOR DOMÉSTICO

	Alíquota	Máx. (R\$)	Mín. (R\$)
Empregado	8 a 11	57,92	482,93
Empregador	12	86,88	526,83
Total	20 a 23	144,80	1.009,76

No Estado de São Paulo, o valor mínimo de contribuição é de R\$ 144,80 e o máximo de R\$1.009,76. Outros Estados têm pisos salariais próprios

AUTÔNOMOS

Base	Alíquota	A pagar
De 724,00 a 4.390,24	20%	De 144,80 a 878,05

Autônomo (plano simplificado)**

724,00 11% 79,64

** Contribuinte individual que trabalha por conta própria (antigo autônomo), sem relação de trabalho com empresa ou equiparada. Códigos: **Indivíduos:** 1163 mensal e 1180 trimestral. **Facultativos:** 1472 mensal e 1480 trimestral.